

Por Que Fazer Vídeo Com os Alunos da Educação Básica

Lídia Santos¹
Josias Pereira²

Resumo

Nesse relato apresentamos como a produção de vídeo realizada dentro do espaço educacional pode ser uma ação pedagógica e pode auxiliar o professor em diversas ações. Nossa ação prática apresenta como os alunos podem gostar da produção de vídeo e ao mesmo tempo debater o uso destas tecnologias dentro do contexto educacional. Fazer vídeo é uma ação multidisciplinar e precisa de professores capacitados para que compreendam que a tecnologia pode ser usada de forma pedagógica com os alunos alinhando o conhecimento docente a formas mais contemporâneas de aquisição de conhecimento pelos discentes.

Palavras-Chave: Cinema e educação, Metodologia PVE, Produção de vídeo Estudantil

Introdução

A escola é um espaço privilegiado de saber onde nossos alunos desde a tenra idade aprendem vários conhecimentos que foram selecionados dentro de uma grade curricular. Essa grade curricular é dividida por disciplinas e as disciplinas então divididas por conhecimentos específicos das grandes áreas do conhecimento humano. Porém podemos levantar um questionamento simples. - Quem determina que tipo de conhecimento será apresentado e em que momento esse conhecimento será apresentado?

Sabemos que os alunos a cada ano têm o seu desenvolvimento cognitivo e intelectual e a escola apresenta a esses alunos o conhecimento dentro do seu momento e desenvolvimento intelectual e cognitivo. Porém as mudanças sociais são muito mais rápidas do que as mudanças que as escolas apresentam na sua grade curricular, pois

¹ Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro

² Professor Associado do curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do Laboratório Acadêmico de Produção de vídeo estudantil.

vários debates são apresentados e feitos até que um conhecimento ou uma mudança na grade curricular se apresente nas escolas.

É inegável que a tecnologia dos últimos 20 anos adentrou a sala de aula de uma forma direta ou indireta dentre essas tecnologias a tecnologia audiovisual adentrou a sala de aula pelas facilidades que essas tecnologias apresentam no fazer vídeo, foto ou áudio dentro da escola. Alunos de diversas classes sociais principalmente alunos das periferias das escolas públicas estão produzindo vídeo dentro da sala de aula com o apoio dos seus professores. Porém ainda é baixo o número de cursos de licenciatura que estão debatendo como essa produção de vídeo pode ser um processo educacional?

O que vemos na verdade é que em muitos momentos as universidades não debatem como a produção de vídeo pode ser um processo educacional. Essa mudança é lenta e gradual e já teve início pois vários cursos de pós-graduação já estão debatendo e discutindo como essa produção de vídeo estudantil pode ser um processo educacional. Desde 2001 os alunos já começaram a debater um pouco como levar e como fazer vídeo dentro da escola. Em seu livro sobre o festival de Guaíba Pereira, Franco e Vilela (2022) já apresenta que foram os alunos da educação básica que levaram para dentro do espaço escolar a possibilidade de realizar vídeo com os alunos

Então, em uma matéria de biologia a professora veio com uma proposta para fazermos um teatro sobre o tema bactérias. Aí um grupo da turma achou mais fácil, na nossa cabeça, fazer um vídeo. Mas não tínhamos nada, nem filmadora, nem noção de tomada, cena, edição. Imagina, estamos falando de quase 20 anos atrás. Topamos aquele desafio e foi um aprendizado que uniu a turma toda. E foi assim, com essa história começamos esse movimento de vídeo estudantil na escola. Na época não tinha ainda o festival. Em uma exibição do vídeo, o professor Valmir, que era um aficionado pelo cinema, viu esse movimento, viu o resultado do trabalho e como aquela turma terrível havia melhorado. O professor Valmir deve ter pensado: se fazer vídeo conseguiu fazer aquilo na turma que era complicada, imagina as demais turmas que estudavam de verdade e que eram engajadas? O que não poderia sair de resultado? Então, ele resolveu criar o primeiro festival de vídeo naquele mesmo ano. Participamos dessa produção que foi a primeira, fizemos outra no decorrer do ano e depois o festival não parou mais.” (Pereira, Franco, Vilela, 2022 p.71)

Esta produção de vídeo nasce com os alunos em um momento tecnológico ainda em transição onde os celulares e smartphones não conseguiam na época gravar vídeos

com facilidade que temos hoje em 2022. Os alunos de Guaira em 2001 tinham que usar uma câmera analógica VHS e nem imaginavam que em 20 anos tivéssemos celulares com câmeras digitais de alta definição e aplicativos que permitem a edição de vídeo de um modo simples e direto. Queremos aqui apresentar a você professor ou estudante de licenciatura que produzir vídeo é um processo educacional e realizar o vídeo dentro de um espaço educacional com os alunos é permitir que esses alunos possam debater discutir apresentar um pouco do seu universo simbólico e ao mesmo tempo repensar a sociedade. Produzir vídeo como defende Pereira em (2014) e (2012) vale pelo processo que o aluno passa durante a realização do vídeo e não o vídeo como uma obra de arte ou uma obra pedagógica. Pereira defende que no processo de fazer o vídeo, os momentos de debate, os momentos de questionamento, os momentos que o aluno tem que modificar a história e modificando assim os seus esquemas mentais para se reorganizar a nova situação para que possa produzir um vídeo. O processo do fazer leva o aluno a criar o seu aprendizado, questionando e debatendo a cada momento.

Iremos agora apresentar alguns exemplos de como essa produção de vídeo é realizada em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro.

Ao utilizar a produção de vídeo em sala de aula, podemos perceber o quanto é um processo rico na construção e desconstrução de conhecimento. Esse processo possibilita uma caminhada pedagógica com trocas entre os estudantes, que possuem bagagens de vida diferentes uns dos outros. Nesse momento o professor orientador também adquire o conhecimento dos assuntos que envolvem esses estudantes ao mesmo tempo que dá voz e visibilidade a essas demandas que, por motivos variados, não são discutidas.

O processo é pedagógico não por estar dentro de uma escola, ou por ser um professor de formação que está à frente, e sim pelo caminho que ele toma, de fazer o aluno repensar, questionar, querer aprender e usar os signos que aprendeu na escola e na sociedade para se comunicar.

Vemos que ao sugerimos aos estudantes que ele já tenha o tema para ser tratado, eles nos oferecem o que seria o conteúdo a ser trabalhado. A partir do momento em que tomamos conhecimento do conteúdo trazido pelo estudante, é nas rodas de debate que nós podemos enxergar as várias visões sobre um mesmo assunto. Essas rodas informais promovem o exercício de dialogar e ouvir o outro, exercitando, dessa forma, o respeito nas trocas de opiniões entre eles. Isso possibilita o acesso ao que o outro pensa e o

porquê pensa daquela forma. Ter um espaço como esse dentro de uma instituição de ensino é um privilégio. E esses alunos debatendo e chegando a um senso comum é uma forma de trabalhar a democracia entre eles, por exemplo

O sucesso se dá pela possibilidade de, depois de toda a discussão e debate, poder colocar em um formato que possibilita outras pessoas - estudantes e toda a comunidade - de terem acesso às demandas do grupo. No caso da escola, esse abraçar do currículo oculto (que não faz parte do conteúdo programático proposto pela escola) é um indicador dos anseios e questões que envolvem esses jovens.

Lembro bem da primeira vez que propus fazer um vídeo em sala de aula. Os estudantes estavam indo para o banheiro furar, com os próprios brincos, as orelhas e o nariz para colocar piercing. Ao constatar esse fato, a direção da escola, junto aos professores, resolveu trabalhar o perigo dessa prática, pois o local não tem higiene, o brinco sem esterilização, não sendo feito por um profissional qualificado e por serem menores de idade, precisando da autorização dos responsáveis legais. Foi realizado um trabalho com debate com um agente de saúde, vídeos de instituições de saúde, cartazes e redações a respeito de todas essas questões.

O trabalho surtiu efeito e alcançou uma boa parte da escola no ano da execução. Porém, no ano seguinte, vimos que as mesmas práticas voltaram. Foi então que levantei a possibilidade de fazer um vídeo com esse tema, mas não tinha câmera ou noção de como fazer. Ao falar na sala dos professores da ideia que poderia vir a servir de fonte de informação para os alunos, feita por eles mesmos, com a linguagem deles, com a imagem deles dando um pertencimento do conteúdo produzido, e assim criando uma importância do que ali estava sendo tratado. O professor Luiz Claudio da Motta, que já trabalhava com essa prática de fazer vídeo no Núcleo de Arte Grécia, se ofereceu para ajudar na execução do curta, com as orientações e equipamento. Segui orientando os estudantes nesse processo e ao concluirmos, gravamos o vídeo (eles manusearam a câmera, escolheram a trilha sonora, dividiram as tarefas, debateram durante a execução do curta e fizeram a seleção do que ficaria e o que sairia do produto final, o curta!).

A passagem por todas essas etapas de construção, permite que as informações e ideias sejam absorvidas pelos estudantes que constroem, desconstróem ideias e paradigmas a respeito do tema. Esse produto audiovisual, ao contrário de cartazes e redações, tem maior durabilidade dentro dessa comunidade escolar, servindo, assim,

para ser utilizado e fazendo parte do acervo da escola. Hoje com a possibilidade das várias plataformas existentes como Youtube, Vimeo e nuvens, fica viável organizar uma biblioteca virtual.

Dessa forma, utilizamos a tecnologia, que tem um poder atrativo de grande vastidão no universo dos estudantes, a favor da educação. Essa troca é benéfica para os dois lados, pois é uma forma prazerosa de construir o conhecimento, tanto para o professor, quanto para o estudante, e por dar voz e ser espaço de escuta dos temas trazidos que envolvem os estudantes.

Podemos observar também como a produção de vídeo por estudantes ajuda na liberação da criatividade do pensamento, pois a não cobrança inicial de escrever um texto com a preocupação da forma culta, libera de certa forma, a fluidez da materialização do pensamento. É claro que, em um segundo momento, o professor faz, junto ao aluno, as correções necessárias. E com o tempo o próprio estudante passa a se preocupar em fazer essa revisão.

A produção de mídias também permite com que o estudante seja sempre confrontado com as dificuldades em fazer. É nesse momento que é aguçada a necessidade dos estudantes em resolver problemas. São pequenas coisas, mas é o começo que eles têm de se mostrarem agentes do processo, criando ou apontando soluções.

Com relação a qualidade das imagens, som, estética e enquadramento, não tem uma cobrança inicial de que fique perfeito, pois como lidamos com um processo pedagógico, ele é lento e gradual, visto que os estudantes aprendem o fazer do tempo deles, observando com os acertos e ditos erros. Ajustando, dessa forma, os próximos vídeos que farão.

Hoje com o uso do celular e os vários aplicativos livres existentes, essa parte, que era a falta de equipamento lá no começo, deixa de ser um empecilho, possibilitando a rapidez de criação em todas as etapas como gravar, editar e, em seguida, postar.

A prática do audiovisual deveria estar em todas as aulas, pois hoje vemos através de alguns exemplos de professores que realizaram vídeo com os alunos foram para a academia fizeram mestrado, doutora, escrevem artigos divulgando como esse fazer vídeo dentro do espaço escolar também é uma ação pedagógica. Professores e pesquisadores como Vanessa Oechsler (2018), Alcione Silva (2021), Eduardo Braga

(2022), Gregório (2021) e Josias Pereira (2014) dentre outros fazem uso da metodologia PVE nas disciplinas regulares que ministram aulas e organizam pesquisas ajudando a desenvolver a produção de vídeo como uma ação pedagógica dentro do processo educacional. Construindo com seus alunos o próprio material didático, materializando de forma lúdica o conteúdo administrado.

Dentro do fazer em sala de aula o audiovisual, abrimos a possibilidade de trabalhar a ética e a responsabilidade dos estudantes ao manusearem as imagens como fotografias, músicas e vídeos. Hoje vemos o quanto as *fake news* são perigosas e incluir no ato de produzir vídeo esse tema, levando esse aluno a se perguntar pra quem ele está fazendo o vídeo, pra que ele está fazendo o vídeo e o porquê, permite que ele entenda a potencialidade de alcance desse material que ele está criando e delegando, a ele, responsabilidade.

Quanto à qualidade do produto final, consigo observar que durante todo o processo pedagógico que o estudante vivencia dentro do audiovisual, ele se torna mais confiante do seu papel de protagonista. É fundamental dar chances criando condições aos estudantes exercerem o protagonismo.

Minha experiência com o audiovisual em sala de aula sempre foi muito produtiva no sentido de poder acompanhar o crescimento e amadurecimento dos alunos. De perceber o quanto os dois lados, professora e aluno, ganham nessa partilha e troca de saberes. Espaços digitais como o laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil³ ajudam professores e alunos a produzirem vídeos com várias ações dentre elas com cursos gratuitos⁴

É certo que hoje há uma urgência em reconhecer a produção de audiovisual nas salas de aulas, pois a cultura passa, hoje, pelo meio digital. E nossos alunos tem esse desejo de fazer e apresentar a sua cultura.

Abraçar e fazer acontecer a Metodologia do PVE nas escolas é evitar que nós, professores e escolas, sejamos, lá na frente, atropelados, pois a tendência é a cada vez mais avançarmos no uso diário da tecnologia. E sem dúvidas o lugar mais seguro para isso é nas carteiras das escolas.

³ <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>

⁴ <https://wp.ufpel.edu.br/cursosdevideo/17-2/>

Cabe às instituições governamentais, junto com a academia, formar professores que tenham esse conhecimento. Não cabe mais só proibir o uso de celular com Leis, e sim cabe EDUCAR.

Referências

ALBUQUERQUE, Gregório Galvão de. **Pensar Pela Imagem: Educação Audiovisual Pela Perspectiva Cultural, Política E Pedagógica**, 2021 (Políticas Públicas e Formação Humana) Universidade do Estado do Rio de Janeiro

BRAGA, Eduardo Dos Santos de Oliveira. **Luz, Câmera... Produção De Performances Matemáticas Digitais Na Educação De Jovens E Adultos**, 2022 (Ensino de Ciências) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Oechsler, Vanessa. **Comunicação Multimodal: Produção de Vídeo em Aulas de Matemática**. 2018. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da UNESP de Rio Claro

PEREIRA, Josias, FRANCO, Dayara, VILELA, Martins Rita. **20 anos do Festival de Vídeo Estudantil de Guaíba: Múltiplas Perspectivas**. Ed. Rubra Cinematográfica, Pelotas 2022.

PEREIRA, Josias. **A produção de vídeo estudantil na prática docente: Uma forma de ensinar**. Pelotas, 2014. Tese (Doutor em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3193/1/SILVA%2c%20Josias%20Pereira%20da.pdf>>. Acesso: 13 dez. 2020.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: UFPel, 2012.

SANTOS, Alcione da Silva. **O Processo De Escrita Do Gênero Curta-Metragem Como Ferramenta De Desenvolvimento Da Consciência Crítica**, 2021 (Estudos da Linguagem) Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Recebido em Outubro 2022

Aprovado em Dezembro 2022